

O CORPO NA SALA DE AULA: REFLEXÕES A PARTIR DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS

Graziella Luiz TOFFOLO¹

Resumo:

Essa reflexão acadêmico-poética busca versar sobre o corpo dos estudantes na sala de aula a partir da experiência vivida no Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos na Universidade Estadual de Campinas em agosto de 2019. Para isso, a autora problematiza como o corpo dos estudantes é imobilizado em sala de aula e conclui apontando formas diferentes de educar.

Palavras-chave: *corpo; educação*

Abstract:

This academic-poetic reflection seeks to address the body of students in the classroom from the experience of the International Symposium Rethinking Contemporary Myths at the State University of Campinas in August 2019. To this end, the author problematizes how the body of students is immobilized in the classroom and concludes by pointing out different ways of educating.

Keywords: *body; education*

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestranda na Faculdade de Educação da UNICAMP. Atualmente pesquisa sobre a prática de meditação para estudantes universitários.

Introdução

Essa reflexão acadêmica-poética (AYOUB, 2014) é composta de imagens, um poema, e um roteiro de teatro que foram disparados a partir da experiência vivida pela autora no Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, em agosto de 2019.

Para isso, serão relatadas as experiências em duas dimensões: tanto a externa, ou seja, serão relatados elementos como o ambiente, a forma que a atividade do evento foi conduzida, mas também a dimensão interna, ou seja, os impactos que o evento trouxe a autora.

Utiliza-se esse recurso narrativo dado a proximidade que a autora possui da prática meditativa e do autoconhecimento há mais de quatro anos. Tal prática gerou uma nova percepção na autora, a qual passou a perceber de forma mais intensa seu próprio mundo interior.

Sendo assim, o trabalho com o corpo nesse simpósio durante os workshops gerou um questionamento, a qual faz pós-graduação na área da educação: qual a relação com o corpo dos estudantes na sala de aula no restante da universidade? Será o corpo algo valorizado ou negligenciado na maior parte dos cursos do ensino superior?

A experiência em dois workshops do Simpósio

Fui para minha primeira residência artística do simpósio em questão no dia 23/08/2019, a qual tinha o título "BACK TO THE BODY / De volta ao corpo". Nesse dia fizemos um aquecimento e depois realizamos exercícios com movimentos do corpo. Cada participante criava um movimento e todos os outros tinham que seguir. Quando todo o grupo tinha memorizado o movimento, a pessoa ao lado criava um novo movimento e incorporava ele na sequência do movimento criado pela outra pessoa. Assim, criamos juntos uma coreografia.

Depois disso, cada um ensaiou a própria coreografia mas acrescentado dois movimentos individuais novos e apresentamos para todos. No momento seguinte, lemos um jornal e escolhemos duas frases para memorizarmos. Depois, colocamos tal frase na sequência de movimentos que havíamos ensaiado e apresentamos

mais uma vez para todos.

Foi interessante observar minhas próprias reações internas durante esse workshop. Apesar de trabalhar com o corpo semanalmente (faço trampolim acrobático), fazia tempo que eu não dançava. No começo senti preguiça, desespero e eu não queria continuar. Mas na hora que eu comecei a dançar com mais vontade me senti melhor, e aí a coreografia fluiu.

Houve uma resistência íntima também quando ele pediu para memorizarmos duas frases, pois a princípio eu não entendi a função daquilo. Porém, na hora que ele pediu para colocarmos as frases na coreografia foi uma experiência muito proveitosa e meu estado íntimo mudou de desanimada para animada. Ao trabalhar com a voz e movimento, pude descobrir como minha voz se alterava durante a movimentação do meu corpo e ampliar minha consciência a respeito dos movimentos que eu realizava. Saí me sentindo bem do workshop por ter feito esse trabalho corporal.

Já em relação ao Workshop “Fugaku”, conduzido por Toshi Tanaka (PUC, BR), pude descobrir novas percepções em relação aos movimentos naturais do corpo. Fizemos movimentos simples, como engatinhar, deitar, sentar, mas percebendo o próprio corpo, nossa respiração, quais músculos eram ativados.

Houve um exercício também em que com um leque “produzimos” vento em várias partes do corpo de outra pessoa e depois “recebemos” vento. Foi uma sensação deliciosa e relaxante, principalmente quando a pessoa balançava o leque perto da região do rosto e da cabeça. Também saí muito bem dessa oficina.

Embora tenham sido oficinas bem diferentes, ambas me tocaram e produziram um novo estado no meu corpo-mente. Sendo uma mestranda em Educação, trabalhar e ativar o corpo me faz refletir sobre como lidamos com o corpo no dia-a-dia, e em especial nas instâncias escolares.

Conceito de corpo

Como se pode definir corpo? Nosso corpo pode ser considerado como algo separado da mente/emoção? Bom, nas escolas ocidentais, já percebemos que existe uma forte separação entre corpo e mente, dado que o corpo dos estudantes

permanece sentado e imóvel e a mente deve prestar atenção. Provavelmente isso está ligado com a consolidação do pensamento mecanicista e as contribuições de filósofo René Descartes, o qual é considerado por muitos como o “fundador da filosofia moderna”.

Descartes definiu o corpo enquanto algo extenso, que ocuparia espaço e que seria separado da mente, a qual, por sua vez, não ocuparia espaço. Além disso, mente e corpo seriam compostos de duas substâncias diferentes, o que se convencionou chamar de dualismo de substância (MATTHEWS, 2007, p. 17-19).

Não obstante, “no Oriente, falar de corpo e mente como coisas separadas simplesmente não faz sentido, pois para esse pensamento existe uma interdependência natural de todas as coisas” (PINTO, JESUS, 2000, p. 91).

O corpo na sala de aula hoje

Estranhem o que não for estranho.

Tomem por inexplicável o habitual.

Sintam-se perplexos ante o cotidiano.

Tratem de achar um remédio para o abuso

Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.

(Brecht, 2019)

Nas escolas ocidentais os estudantes ficam com o corpo contido na cadeira durante a maior parte das aulas: “a criança deve permanecer sentada em sua cadeira, em silêncio e olhando para a frente” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70).

Naturalizado como uma condição própria da docência e do exercício da voz professoral, o ritual de controle de classe, marcadamente não verbal, estipula, tanto quanto as regras segundo as quais a fala professoral deve ser expressa, as condições necessárias de contenção para que esta seja

proferida: silêncio, atenção (real ou aparente) centrada no mestre ou na atividade por ele instaurada, controle dos movimentos corporais. E, nesse aspecto, a escola e o currículo, embora não façam menções explícitas a essas regras corporais, na prática não só não as ignoram como contam com elas. Na escola, aprende-se a ficar sentado por muitas horas; a expressar gestos e comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos; a priorizar o ler, o escrever, o raciocinar em relação a outras tantas possibilidades de atividades. (FONTANA, 2011, p. 14)



Fig. 1: Sala de aula em uma escola ocidental comum. Fonte: Google Imagens 2019.
Disponível em: <https://www.novanoticias.com.br/noticias/politica/novas-regras-do-ensino-medio-serao-aplicadas-so-em-2020>

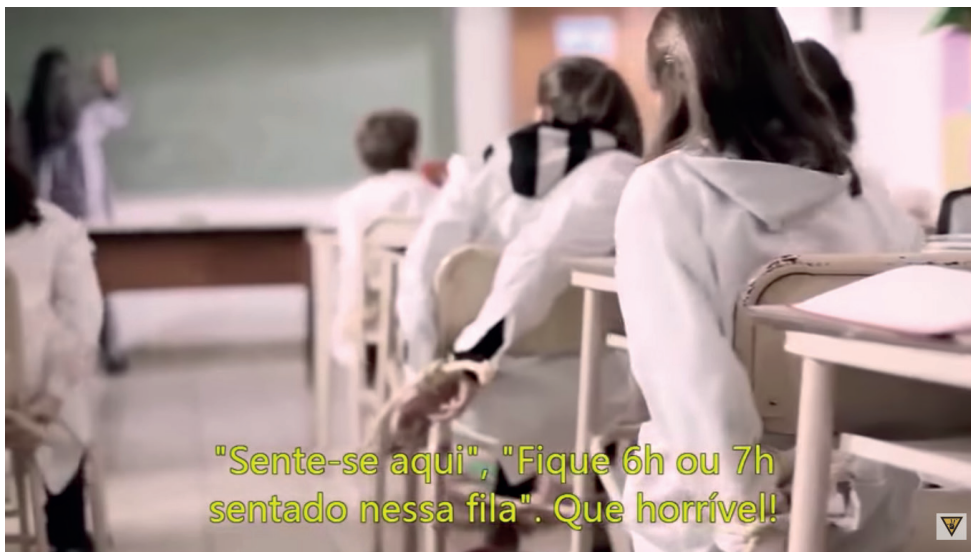


Fig. 2: Crianças amarradas nas cadeiras, imagem simbólica que retrata a imobilização corporal dos estudantes. Fonte: DOIN (2012, 35:33).

Não obstante,

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. (...) Mas se é através do movimento que o indivíduo se manifesta, que indivíduos iremos formar se impedimos sua expressão? (STRAZZACAPPA, 2001, p. 69)

Essas reflexões nos fazem perceber que a nossa sociedade possui um modo específico de conter e imobilizar o corpo dos estudantes nas escolas, dentro das salas de aula. Como isso já é naturalizado, muitas vezes se torna “invisível”, no sentido da maioria não se questionar de forma clara sobre tal imobilização.

Mauss (1974) afirma que em cada sociedade existem técnicas corporais, as quais são a “maneira como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 212). Dessa forma, pode-se considerar uma técnica corporal específica da sociedade ocidental, a contenção e imobilização dos corpos dos estudantes na escola.

Trazendo esse debate para a universidade, a imobilização corporal parece estar presente inclusive no ensino superior atual com a produção compartimentalizada de conhecimento, havendo institutos de artes com cursos especializados no trabalho com o corpo, enquanto que há quase uma completa neutralização dos movimentos corporais em cursos de humanas, exatas e biológicas nas universidades.

Logo, apesar dos universitários possuírem corpos em todas as áreas de conhecimento, a imobilização corporal continua nas salas de aula de diversos cursos do ensino superior, já que espera-se que os alunos mantenham seus corpos os mais imóveis possíveis e que seu cérebro permaneça o mais atento possível. Sobre isso, Moura (2010) afirma que os

espaços de produção de conhecimento acadêmico e dos saberes escolares, a universidade e a escola, embora marcados pela presença, pelo movimento e pela visualidade corporal, sem os quais seriam somente grandes espaços de cimento, ferro e vidro abandonados, constituem-se em lugares que, em sua maior parte, privilegiam a passividade corporal, favorecendo o cérebro como um supraórgão que vem consagrar as tradicionais formas de pensamento, de construção do conhecimento e de reflexão ao longo dos séculos (MOURA, 2010, p. 42).

Roteiro de teatro: "O corpo da Grazi na escola. Seria só o da Grazi?"

Por Graziella Toffolo Luiz

(Campinas, São Paulo)

2019

Personagens

Grazi

Professor da Grazi

CENA 1- Sala de aula

Grazi (criança) entra rodopiando, com lápis de cor e música. Lá na frente, ela dança e faz cambalhota.

Professor para a música. Ela fica assustada e para de se mexer. Ele faz movimento de silêncio. Cara de confusa, ela põe música e mostra a dança. Ele novamente para a música, faz som de silêncio e a conduz para uma cadeira. O professor coloca o celular dentro de uma caixa preta [não há músicas em sala de aula. O silêncio e a voz do professor são os sons mais incentivados].

Ela fica assustada, tenta sair e brincar depois de um tempinho, mas é repreendida. Depois, desce para o chão e coloca pernas para cima, explorando a cadeira. Mais uma vez é repreendida, professor se senta em cadeira vazia do lado e mostra como ela tem que ficar: imóvel.

Grazi fica na posição, triste e com o tempo passa a aceitar, mas fica triste e entediada.

Grazi, então, começa a olhar para o lado, para trás. Professor vem, endireita sua cabeça e mostra que ela tem que olhar para a lousa. Grazi fica assustada, mas depois se ajeita e fica olhando para a lousa.

CENA 2 - Passagem do tempo

Pausa, Grazi e professor congelam, duas ou três pessoas entram e colocam óculos no professor e amarram o cabelo da Grazi diferente, passam batom nela, colocam um lenço simbolizando que o tempo passou. Enquanto isso uma pessoa pode ir na frente com um relógio e girar os ponteiros. Pausa e congelamento terminam.

CENA 3 - Sala de aula

Professor vai até a carteira, tira lápis de cor da mão dela, ela resiste e pega de volta, professor bravo pega de volta, e dá para ela uma caneta azul. Ela, mais uma vez chateada, aceita. Professor guarda na caixa preta.

Professor termina aula, Grazi entediada na cadeira. Ele sai e apaga uma luz. Grazi levanta, quieta, e vai até a caixa. Abre a caixa e pega o lápis de cor. Abraça-os. Coloca a música. Ela sai rodando pela sala, empurrando a cadeira de lado. Congela no centro, sorrindo. Cena termina.

Novas formas de educar

Todas essas reflexões me fizeram ir além e ficar pesquisando sobre formas diferentes de educar e como lidar com o corpo do estudante de novas maneiras. Assisti documentários sobre educação disponíveis no Youtube. O documentário "Escolarizando o Mundo" (BLACK, 2010) me abriu a percepção de que existem

muitas formas culturais de educar, quando discute como a educação do modelo ocidental, ao ser implantada em outros países, pode destruir culturas.

Ampliando o debate, há uma cena do documentário em que as crianças estão marchando como soldados, usando uniformes, outras em que elas se sentam em cadeiras e computadores. Ou seja, as formas de educar o corpo e as técnicas corporais (MAUSS, 1974) estão sendo profundamente alteradas.

Já o documentário "Educação Proibida" (DOIN, 2012) auxiliou na crítica às escolas tais como elas são hoje, baseadas no modelo de educação prussiana. Também li livros sobre jogos teatrais, sobre o corpo (LE BRETON, 2010), sobre aprendizagem cooperativa (JOHNSON, JOHNSON, SMITH, 1998), pesquisei sobre a Escola da Ponte e também sobre escolas transformadoras/alternativas brasileiras, algumas inclusive inspiradas na Escola da Ponte (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, s. d.). Também estudei um pouco sobre Pedagogia Waldorf e Escolas Montessori.

Uma última referência é um trecho do livro de bell hooks (HOOKS, 2017), uma professora que busca desenvolver processos pedagógicos diferentes. Ela traz no início do livro uma passagem que demonstra que para que isso de fato ocorra, os estudantes precisam se abrir e vencer a resistência. E na maior parte das vezes eles se abrem, mas nem sempre:

O horário era apenas um dos fatores que impediam essa turma de se tornar uma comunidade de aprendizado. Por razões que não consigo explicar, ela também era cheia de alunos "resistentes" que não queriam aprender novos processos pedagógicos, não queriam estar numa sala que de algum modo se desviasse da norma. Esses alunos tinham medo de transgredir as fronteiras. E, embora não fossem a maioria, seu rígido espírito de resistência sempre parecia mais forte que qualquer disposição à abertura intelectual e ao prazer no aprendizado. Essa turma, mais que qualquer outra, me levou a abandonar de vez a ideia de que o professor, pela simples força de sua vontade e de seu desejo, é capaz de fazer da sala de aula uma comunidade de aprendizado entusiasmada (HOOKS, 2017, p. 19).

Considerações finais

Dessa forma, percebe-se como poder trabalhar o corpo durante o Simpósio suscitou diversas discussões para refletir sobre o corpo dentro das instâncias escolares. Geralmente, o corpo é considerado como sendo separado da mente, além de haver uma forte mobilização corporal dos estudantes. Sendo assim, é imprescindível repensar o corpo na escola, possibilitando novas formas e meios de colocá-lo em movimento.

Referências:

AYOUB, E. Por uma escrita acadêmico-poética. Revista Linha Mestra, Ano VIII, n. 24, 2014, p. 1099-1102.

BLACK, Carol. Schooling the World: The White Man's Last Burden. [Filme]. Lost People Films, 2010. 64 min. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs> Acesso em 24/09/2019.

BRECHT, B. Antologia Poética de Bertolt Brecht. Cultura Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.culturabrasil.org/antologia-poetica-de-bertolt-brecht/>> Acesso em: 24/09/2019

DOIN, Germán. A Educação Proibida. Vídeo. Eulam Producciones, 2012. Disponível em (acesso 24/09/2019): <<https://www.youtube.com/watch?v=t8z0VkuEt6o&t=4s>>

ESCOLAS TRANSFORMADORAS. S. d. Disponível em: <<https://escolastransformadoras.com.br/comunidade-ativadora/escolas-transformadoras-brasil/>> Acesso em: 24/09/2019.

FONTANA, R. C. O corpo também ensina – mediações da linguagem não verbal no trabalho docente. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 18, n. 1, Passo Fundo, p. 9-22, jan./jun. 2011.

HOOBS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2017.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T.; SMITH, Karl A. A Aprendizagem Cooperativa retorna às faculdades. *Change*. Volume 30, 1998.

MATTHEWS, E. *Mente: conceitos-chave em filosofia*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOURA, R. O corpo entre a ação e a contemplação na sociedade laboratório. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 37-49, 2010.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, SP: EPU: Edusp, 1974. 2v.

PINTO, J. P. M. S.; JESUS, A. N. de. A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 89-96, 2000.

STRAZZACAPPA, M. M. H. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Caderno Cedes*, ano XXI, 2001.

STRAZZACAPPA, M. M. H. *Educação somática e artes cênicas: princípios e aplicações*. Campinas, SP: Papirus, 2012.